

# AS ÁRVORES NOTÁVEIS DE PORTUGAL

IV

*por*

ARTUR TABORDA DE MORAIS



SEPARATA DO  
ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA  
ANO V

1939



AS ÁRVORES NOTÁVEIS  
DE PORTUGAL



# AS ÁRVORES NOTÁVEIS DE PORTUGAL

I V

*por*

ARTUR TABORDA DE MORAIS



RC  
MCT  
58  
MOR

SEPARATA DO  
ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA  
ANO V

1939

AS ÁRVORES NOTÁVEIS  
DE PORTUGAL

LIVRO TERCEIRO DE MORAIS

1939

1939

1939



## AS ÁRVORES NOTÁVEIS DE PORTUGAL

### IV

por

ARTUR TABORDA DE MORAIS

É esta a nossa quarta nota sôbre as velhas árvores de Portugal e é-nos grato verificar com ela o interesse que às estações oficiais mereceu o assunto nos últimos tempos. Tinha já o País legislação que as protegia; mas foi sobretudo nos meses decorridos após a publicação do Decreto-lei n.º 28:468, de 15 de Fevereiro de 1938 que o cuidado pelo seu inventário e classificação se manifestou, sendo de justiça salientar neste ponto a atenção muito particular das Direcções Gerais dos Serviços Florestais e Aquícolas e da Fazenda Pública. Pela primeira, e muito bem, foi mandado assinalar os espécimens classificados e reconhecidos no *Diário do Governo* com as iniciais I. P. (interesse público).

Não devemos porém ver no caso das árvores notáveis mais do que um aspecto particular de problema de outra ordem de complexidade: o da protecção à Natureza no sentido mais amplo. Falou-se dêle em toda a extensão, e, oficialmente, creio que pela primeira vez entre nós, no relatório que acompanha a Lei n.º 1:971, de 15 de Junho de 1938 que delineou o «Plano de Povoamento Florestal» e onde se estabelece a criação de alguns «Parques» ou simples «Reservas» nos pontos mais pitorescos do País, as serras de Montezinho (5.000 ha), Larouco (5.000 ha), Alturas (2.000 ha), Gerez (5.000 ha), provavelmente Peneda (5.000 ha) Arga (5.000 ha) e Leomil (5.000 ha), Montemuro (1.000 ha), Estrêla (2.000

ha), S. Pedro do Açôr (2.000 ha) e Lousã (1.000 ha). No total: 38.000 ha.

Ora quere-nos parecer que tudo: «Árvores notáveis», «Parques», «Reservas integrais» de qualquer extensão ou natureza, devia ficar na dependência duma entidade única com capacidade científica e orçamento próprio, capaz de convenientemente orientar não só o estabelecimento das reservas como a sua devida utilização científica e turística quando fôsse caso disso. Porque não se há de esquecer que a reserva — Parque ou seja o que fôr — nada vale só pelo facto de existir, e também que a sua utilização científica se deve fazer desde a primeira hora, com risco de se perderem, no caso contrário, factos e observações que se não repetem.

Mas acentuemos igualmente que sendo o assunto de ordem naturalística como tal deve ser olhado e por êsse espírito orientado, sendo embora certo que tem indubitável alcance prático o labor nesse sentido. Mas aquele há de ser uma conseqüência mediata que se torne legítimo esperar e não um fim imediato, para que tudo se deva dirigir.

Entretanto vamos fazendo o inventário das velhas árvores portuguesas, não só testemunhas patéticas de antanho e motivo de grata emoção, mas tradução material e registo legível de condições climáticas passadas — o único aparelho registador das épocas que precederam os nossos observatórios e os suprem nalguma medida. Pelas *Sequoias* centenárias de quarenta ou cinqüenta séculos, quási imorredouros sêres do mundo vivo, contemporâneos, muitos dos actuais, das civilizações históricas mais antigas, e que terão atravessado mesmo a existência da Humanidade inteira através de meia centena de gerações, puderam os americanos fazer a visão retrospectiva da sucessão de condições climáticas num longínquo passado e datar factos históricos para os quais nenhuma outra cronologia era possível.

Não possuímos nós em Portugal possibilidades de atingir tão recuadas épocas e não sei mesmo se poderemos aproximar-nos do milénio através dos nossos carvalhos robles e castanheiros, ainda que atingindo essa idade, por se encontrarem sempre ou quási sempre carcomidos; o que é preciso



no entanto é valer a esses anciões e não permitir que casos como o do «Castanheiro de Alcongosta» que foi abatido nestes últimos anos, segundo me informam, se repitam. Era talvez a nossa árvore mais famosa e certamente das mais antigas. Nem uma secção sua ficou num museu!

E seja-me permitido no fecho destas breves palavras assinalar o nome do Dr. JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR, meu amigo e meu colega da Universidade do Pôrto, que não mais, de há um ano a esta parte, esqueceu as velhas árvores de que falámos e algumas vimos durante uma encantadora e frutuosa excursão botânica em Trás-os-Montes nos princípios de Outubro de 1938, enviando-me desde então, neste capítulo, informações várias que o seu espírito de múltiplas curiosidades não enjeita, fotografias que a sua objectiva recolhe e até, outras vezes, desenhos do seu próprio lápis. Quisera bem ter entre os sócios da Sociedade Broteriana mais exemplos como o seu, e que deles recebesse notícias que doutra forma não é possível recolher.

Ainda assim não devo esquecer dêsses alguns nomes. Primeiro o de D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO, figura excelsa entre os botânicos portugueses, verdadeiramente o meu primeiro e, estou em dizer, quasi único guia na florística, que a morte já tem consigo, e ainda nos últimos tempos de vida me falou dum velho cipreste tombado na sua Quinta da Ribeira de Caparide, ao qual as poucas fôrças já não permitiram que datasse.

E porque lembro tão alto espirito não quero que passe o momento sem deixar de homenagear a sua memória com todo o meu fervor de discípulo que não foi seu aluno e nem sequer teve a dita de conhecer em pessoa. Aqui hei-de por isso deixar exarada a minha infinita admiração pela sua figura moral, pelo seu espírito de probó, austero e incansável investigador.

Com que admirável talento de exposição e brilhantíssimas qualidades didácticas êle foi, durante, pelo menos, três dezenas de anos, o mestre e autor consagrado da botânica elementar em Portugal; com que cuidado e modelar organização de trabalho foi também, e melhor do que isso, através

de mais de seis dezenas de anos, o estudioso da botânica portuguesa, desde as suas incipientes excursões em Trás-os-Montes à redacção primorosa da *Flora de Portugal* que deixou em 2.ª edição, monumento imorredouro do seu nome, testemunho eloquente da grandeza do seu espírito, prova inabalável do seu equilibrado critério!

Por tudo, e pelas consoladoras palavras que nos últimos meses de vida me escreveu de quasi enternecida e sem dúvida benévola admiração pelos meus primeiros e imprecisos trabalhos de botânica, palavras que me são tanto mais caras quanto foi êle, numa geração notável, o último mestre, de entre os floristas portugueses contemporâneos desaparecidos com quem contactei, que ainda pôde, e por essa circunstância, deixar-me tão encorajante estímulo na aridez dêste hiato brutal que a febril actividade da Morte abriu entre os que desapareceram tumultuosa e apressadamente, seguindo-se pertinho uns dos outros—J. HENRIQUES, CARRISSO, SAMPAIO, COUTINHO—e os que hão de vir mas que o tempo e a vida atardaram estúpida-mente; por tudo lhe dirijo a enternecedora saúde que o agrume desta idea está tornando mais maguada e triste, quasi pungente!

O Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, Sr. Dr. ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO enviou notícia dum carvalho centenário junto ao edificio da Câmara Municipal de Mangualde que ainda não pude visitar e o Sr. Dr. MÁRIO C. MORA, professor do Liceu D. João III em Coimbra, igualmente me referiu umas velhas árvores em Pombal que procurarei ver.

Transcrevemos a seguir a parte que interessa do Decreto n.º 28:468, e uma circular da Direcção Geral da Fazenda Pública, entre outras do mesmo teor, a qual revela bem o carinho que ao Director daquela Repartição merece o assunto.

\*

\* \* \*

«Ex.º Sr. Director Geral do Ensino Primário

Nos termos do Decreto-lei n.º 28:468, de 15 de Fevereiro de 1938, foi classificado de «interêsse público» um

freixo existente na vila de Trancoso, conhecido vulgarmente naquela localidade por «Freixo Grande», e pertencente à respectiva Câmara Municipal, pelo que tenho a honra de solicitar de V. Ex.<sup>a</sup> que se digne informar de conformidade os professores do ensino primário daquela vila e recomendar-lhes que instruem os seus alunos no respeito por esta árvore. A bem da Nação. Direcção Geral da Fazenda Pública, (Repartição do Património) em 23 de Outubro de 1939. — O Director Geral, (a) A. LUIZ GOMES.»

\*

\* \* \*

### Decreto-lei n.º 28:468, de 15 de Fevereiro de 1938

«Artigo 1.º O arranjo, incluindo o corte e a derrama das árvores em jardins, parques, matas ou manchas de arvoredo existentes nas zonas de protecção de monumentos nacionais, edifícios de interesse público ou edifícios do Estado de reconhecido valor architectónico, definidas nos termos do decreto com força de lei n.º 20:985, de 7 de Março de 1932, e no decreto n.º 21:875, de 18 de Novembro de 1932, respectivamente, fica sujeito a autorização prévia da Direcção Geral da Fazenda Pública, ouvidas as indicações de ordem técnica das Direcções Gerais dos Edifícios e Monumentos Nacionais e dos Serviços Florestais e Aqüícolas e parecer da Junta Nacional de Educação (6.ª secção).

§ único. Consideram-se abrangidos, para todos os efeitos, pelo disposto neste artigo os exemplares isolados de espécies vegetais que, pelo seu porte, pelo seu desenho, pela sua idade ou raridade, a Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas classifique de interesse público.»

## Pinheiro da Covilhã

### *Pinus Pinea* L.

*Localização.* Na «Quinta do Pinheiro» e arredores da Covilhã a sudeste da cidade, sôbre os granitos, à altitude de aproximadamente 650 m. e na bifurcação das duas estradas que à saída da cidade se dirigem a do norte para a estação do Caminho de Ferro e a do sul para o Fundão. No horizonte, em último plano, a 8 quilómetros ao sudeste, desenha-se o perfil da serra de S. Cornélio, linha divisória entre as águas da ribeira de Meimôa ao sul e as do trôço do rio Zézere que se situa entre o Pinheiro e a Serra.

*Descrição.* «Um dos maiores pinheiros mansos que hoje existe no reino» disse SOUSA PIMENTEL. Dos maiores podemos continuar a escrever, e um dos mais notáveis do mundo, juntaremos, pois as suas dimensões andam pelos limites máximos registados para esta espécie; possui actualmente de circunferência do tronco à altura do peito 5,75 m. <sup>(1)</sup>.

Em 1907 SILVA TAVARES (*Brotéria*, 1906, p. 75) publicou as seguintes medições: altura total (avaliada com o teodolito) 31,25 m., altura do tronco 14,50 m., circunferência na base do tronco 5,36 m. E acrescentava: «A copa... maior era antes de lhe tirarem, ainda há poucos anos, 14 carradas de lenha». SOUSA PIMENTEL calculou-lhe (*Os nossos Pinheiros*, 1910, p. 40) o volume do tronco em 32 m<sup>3</sup>.

O fuste, quasi cilíndrico, elevadíssimo, em perfeito estado de conservação é uma colunata grandiosa que nos subjuga pelas suas dimensões, sobretudo quando dela nos aproximamos. É a parte mais bela da árvore. A copa, não tão declinada como soe ver-se nesta espécie, é mais bela, por mais regular, na fotografia do que na própria árvore, ainda que aí mesmo a supressão das partes amputadas lhe

---

<sup>(1)</sup> Determinação efectuada neste ano e obsequiosamente comunicada pelo chefe da 2.<sup>a</sup> Circunscrição Florestal e meu presado amigo Sr. Engenheiro A. BARJONA DE FREITAS.



A. Taborda de Morais fot. em 10 Junho 1939

*Pinus Pinea* L., da Covilhã  
Fotografado de N. W.

tenha aumentado a simetria e harmonia. «Vê-se de muito longe, mas só perto se lhe podem admirar a grandeza, o porte magestoso e o bem proporcionado das dimensões» disse o P.<sup>dre</sup> SILVA TAVARES, *l. c.*, p. 75.

Segundo as dimensões fornecidas por SILVA TAVARES calculámos-lhe a idade para aquela data em 230 a 240 anos (*Anuário Soc. Broteriana*, 1936, p. 45). Aquêlê autor escreveu: «Ha ainda quem se lembre de ter ouvido contar a uma pessoa muito edosa que no tempo da guerra dos francezes parecia ter já o tamanho que hoje se lhe vê».

A tradição não desdiz do cânon!

Não possuo, além da do perímetro do tronco na base, dimensões actuais de confiança para comparar com as de SILVA TAVARES; desta forma não é possível fazer qualquer dedução sôbre o crescimento recente da árvore nos últimos 30 ou 40 anos, ainda que possamos assegurar que não deve ter sido sensível à vista, pois o indivíduo se encontra muito dentro daquêlê período da vida em que o crescimento se torna extraordinariamente lento, qualquer coisa como menos de 0,6 mm. por ano no diâmetro do tronco (*Anuário Soc. Broteriana*, 1936, p. 37)! E até, sabendo-se que o *Pinus Pinea* entra em declínio de crescimento dos 100 aos 140 anos (*Anuário Soc. Broteriana*, 1936, p. 39), isso nos explica que êste pudesse aparentar as dimensões actuais «no tempo da guerra dos francezes», um século antes.

O que podemos asseverar no entanto é que o seu aspecto hoje é o de há dezenas de anos tal como no-lo mostram a fotografia de SILVA TAVARES e a minha feitas ambas na mesma direcção e sentido, quási se podendo sobrepor uma à outra. Apenas a de SILVA TAVARES executada a menor distância, talvez com uma grande angular, portanto mais de baixo e em óptimas condições de luz lhe dá aspecto de maior grandeza no fuste, delinea e separa melhor a ramificação.

A sua idade actual deve estar compreendida entre 250 a 300 anos.

Foi considerado de interêsse público (I. P.) por declaração publicada no *Didrio do Govêrno*, II série, n.º 167, de 22 de Maio de 1939.

## BIBLIOGRAFIA

- SILVA TAVARES, *Árvores gigantescas da Beira III in Broteria*, série de vulgarização científica, vol. VI, fasc. I-III, 1907, p. 75.
- *O Pinheiro da Covilhã*, idem, vol. XIII, fasc. III, 1915, p. 153, c. icon. na capa.
- SOUSA PIMENTEL, *Os nossos Pinheiros*, 1910, p. 39-40 c. fot. (reproduzida de SILVA TAVARES) na capa e a p. 40.
- ALBERTO VELLOZO DE ARAUJO, *Em defesa e propagação da Arvore*, 1913, p. 24, c. icon. (reproduzidos de SILVA TAVARES).
- A. TABORDA DE MORAIS, *As árvores notáveis de Portugal in Anuário Soc. Broteriana*, 1936, p. 45.
- ELWES and HENRY, *The Tree of Great Britain & Ireland V*, pl. 291, p. 1121.

## Pinheiro de Bobadela

### *Pinus Pinaster* Ait.

*Localização.* Não longe de Oliveira do Hospital, a 400 m. da povoação de Bobadela que se vê na fotografia e próximo da estrada que daqui se dirige a Oliveirinha da Beira e igualmente se nota na gravura, sobre os granitos, a, aproximadamente, 350 m. de altitude.

*Descrição.* Deve ser um dos mais formosos exemplares da espécie pelo porte e diâmetro do tronco que não pela altura total, muito sobrepujada esta em outros exemplares conhecidos da mata de Leiria, por exemplo, e até pelo que adiante se descreve (1).

Segundo as medições que amavelmente me foram comunicadas pelo Sr. Engenheiro A. BARJONA DE FREITAS que igualmente me permitiu a reprodução da fotografia junta, a qual em grande ampliação adorna o seu gabinete na 2.ª Circunscrição dos Serviços Florestais, possui as seguintes dimensões:

|   |          |
|---|----------|
| Altura total . . . . .                          | 24,00 m. |
| » do fuste . . . . .                            | 14,00 »  |
| Largura da copa. . . . .                        | 20,00 »  |
| Perímetro do tronco à altura do peito . . . . . | 4,54 »   |
| Diâmetro à mesma altura . . . . .               | 1,44 »   |

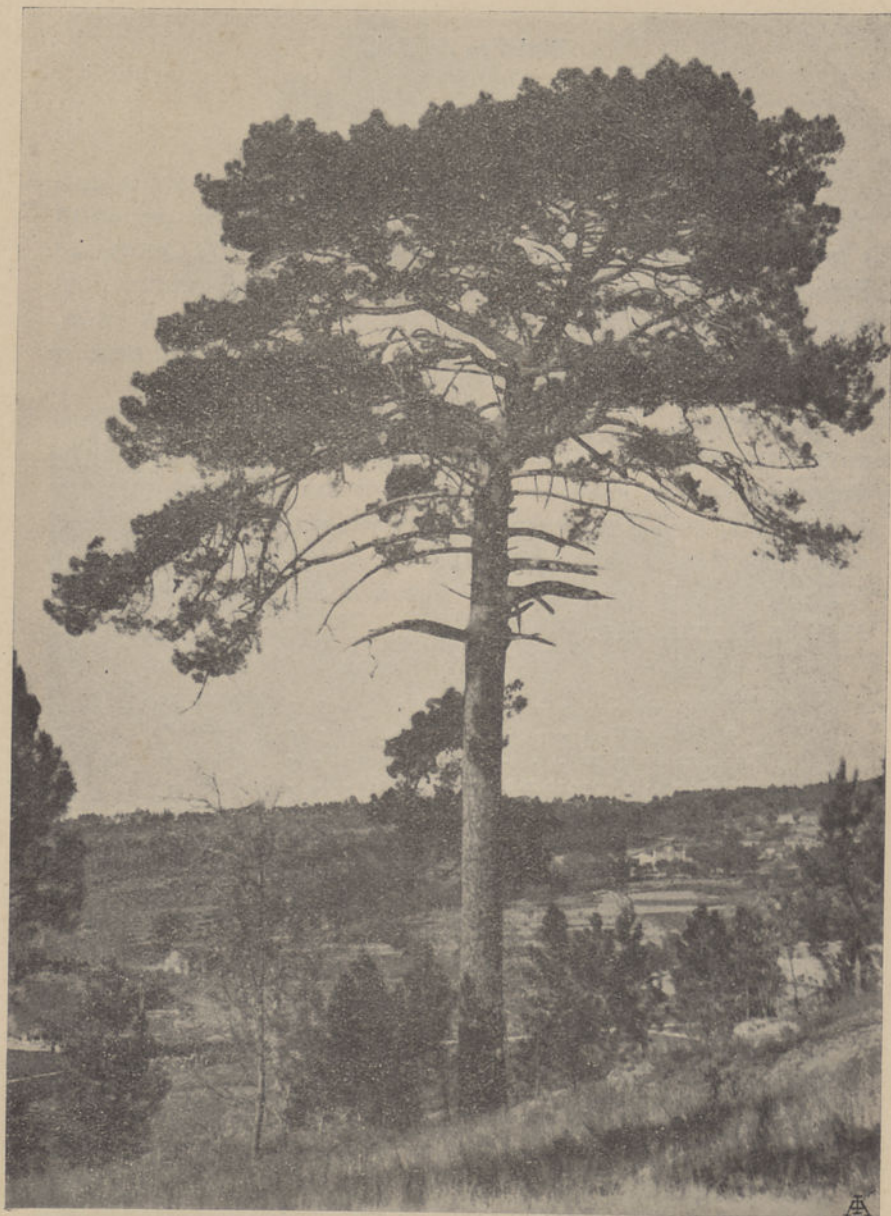
A sua idade deverá ultrapassar 200 anos.

Foi declarado de interesse público no *Diário do Governo*, II série, n.º 117, de 22 de Maio de 1939.

---

(1) ELWES and HENRY, *The Tree of Great Britain & Ireland* V, p. 1116, mencionam um exemplar perto do Pôrto com 30,50 m. de altura total, outro do Pinhal de Leiria que, em 1843, apresentava 39 m. de altura total com 4,48 m. de perímetro do tronco e dois exemplares ainda na Alvinha com 40 m. de altura por 3 de perímetro do tronco e 38 m. de altura por 4,20 m. de perímetro do tronco.





Reg. florestal M. C. Pericão fot. em 1939

*Pinus Pinaster* Ait., de Bobadela

## Pinheiro de Foja

### *Pinus Pinaster* Ait.

*Localização.* Na Mata Nacional de Foja, a poucos quilómetros de Montemor-o-Velho, junto da estrada que corta a mata e vai desde a Casa do guarda ao portão da Quinta de Foja. O terreno é pliocénico à superfície, arenoso, mas possivelmente de natureza diversa no sub-solo, húmido. À volta, nos domínios da Quinta de Foja, cultivava-se largamente o arroz.

*Descrição.* O hábito é perfeitamente o do indivíduo anteriormente descrito e característico de espécie ou variedade: um tronco elevado coroado por uma copa assimétrica e irregular, cujo eixo vertical se tornou nitidamente oblíquo, com ramificação pouco abundante e pouco densa. As suas dimensões, tais como mas forneceu o Sr. Engenheiro BARJONA DE FREITAS, são:

|   |                       |
|---|-----------------------|
| Altura total . . . . .                      | 29,00 m.              |
| > do fuste . . . . .                        | 18,80 »               |
| Largura da copa . . . . .                   | 16,00 »               |
| Perímetro do tronco a 1,30 m. do solo . . . | 3,14 »                |
| Diâmetro à mesma altura . . . . .           | 1,00 »                |
| > do colo da raiz . . . . .                 | 1,15 »                |
| > ao meio do fuste . . . . .                | 0,80 »                |
| Cubo do fuste aproveitável para madeira .   | 9,45 m <sup>3</sup> . |

O distinto regente agrícola e seu velho conhecido Sr. MANUEL REI da Figueira da Foz atribue-lhe a idade de 150 a 160 anos. Seria um representante, entre os poucos sementões que subsistiram, da mata fradesca que ali existiu e foi pertença dos Cruzios até 1834, data em que passou ao domínio do Estado.



A. Taborda de Morais fot., em 13 Maio 1939

*Pinus Pinaster* Ait., da Mata de Foja

## Plátano de Foja

### *Platanus acerifolia* Willd.

*Localização.* Na Quinta de Foja, num dos pátios da residência senhorial; à sua volta o domínio incontestado do arroz, um mar de água durante parte do ano, em todo o espaço que daqui se dilata para o sul até ao limite da estrada da Figueira entre Montemor e Maiorca.

*Descrição:* Referi-me já a êste plátano ao escrever sôbre os dois exemplares da mesma espécie situados na Quinta do Espinheiro em Coimbra e os três da Fábrica de Fiação em Tomar (*Anuário da Soc. Broteriana*, 1938, p. 48).

Apresenta, segundo determinações do Sr. Engenheiro A. BARJONA DE FREITAS, a altura total de 25 m., largura da copa 23 m. e perímetro do tronco 5,85 m. Ramifica muito cedo como se vê na fotografia junta, a 1,5 m. do solo. Frondoso, cercado de vários edificios, não se pôde fotografar em conjunto. A particularidade mais notável é a do grande número de soldaduras naturais ou provocadas entre vários dos seus ramos.

O exame taxanómico não desdiz, pelos caracteres das fôlhas, da opinião que expri em 1938 a páginas 42 dêste Anuário (ano IV), e as dimensões não contrariam a hipótese aí emitida também (páginas 48).

Foi declarado de interesse público no *Diário do Govêrno*, II série, n.º 298, de 23 de Dezembro de 1939.



A. Taborda de Moraes fot. em 14 Novembro 1939

*Platanus acerifolia* Willd., da Quinta de Foja  
Tronco visto de W.

## Sobreiro da Valinha

*Quercus Suber L.*

*Localização.* Na povoação da Valinha entre Monção e Melgaço. É notável a situação d'êste espécimen a tão elevada latitude, em



Dr. J. R. Santos Júnior fot. em Julho 1939

*Quercus suber L.*, da Valinha  
Tronco

pleníssimo Minho Setentrional, fronteiro à Galiza, num clima que atinge mais de 1.500 mm. de pluviosidade anual.

*Descrição.* Só através da breve notícia que o Dr. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR teve a amabilidade de me comunicar por carta juntamente com as fotografias que se publicam fico conhecendo êste exemplar. Diz-me êle que as suas dimensões são de 5,37 m. de perímetro do tronco a 1,20 m. do solo, e é, por tradição e documentos, centenário.

Ao escrever sobre o sobreiro de S.<sup>to</sup> Amaro (*Anuário Soc. Broteriana*, 1938, p. 40) acentuei a circunstância do avanço setentrional da espécie em Portugal, ainda que considerada como caracteristicamente mediterrânica. Que ela se distribua em Trás-os-



Dr. J. R. Santos Júnior fot. em Julho 1939

*Quercus Suber L., da Valinha*

-Montes até à roda de 700 m. em altitude na companhia da própria Azinheira, como acontece, está ainda dentro das suas supostas necessidades ecológicas; que seja também vizinha do rio Minho, como as estatísticas da produção da cortiça o revelam e êste exemplar o mostra, é facto a assentar entre nós, como de resto se estabeleceu já para a Galiza onde «Se le ve frecuentemente en la región litoral y media...» (MERINO, *Flora de Galicia*, 1906, II, p. 604).







RÓ  
MU  
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

\*1329657249\*

